



Carregamento de tomate para escoamento na aldeia de Djufunco, região de Cacheu, Guiné-Bissau – Projeto “Kópoti pa cudji nô futuro”

Alimentos nutritivos para todos no mundo? **Sim, é possível.**

Por: **Patrícia Maridalho, Ana Gaspar e Ana Vaz**

ONGD VIDA - Voluntariado Internacional para o Desenvolvimento Africano

R. António Nobre, 1 D, 4º dto, 2800-260 Almada

www.vida.org.pt

A Horticultura pode ser uma das chaves para contribuir para um mundo em que todos têm acesso a alimentos nutritivos?

A ONGD VIDA prova que sim, ajudando a construir caminhos de resiliência alimentar e nutricional em África, tendo por base o ensino da Horticultura, os recursos naturais existentes e o potencial de cada pessoa e comunidade. Neste artigo apresentamos projetos VIDA desenvolvidos em Moçambique e na Guiné-Bissau.

Muhammad Yunus, o “banqueiro dos pobres” e Nobel da Paz em 2006, disse “As pessoas não nasceram para sofrer a miséria da fome e da pobreza. Se hoje sofrem, tal como sofreram no passado, é porque desviamos os olhos do problema.”

Pela nossa missão, temos o grande privilégio não só de colocarmos os “olhos no problema”, mas de viver e trabalhar no dia-a-dia com aqueles que nasceram num país, região ou comunidade que, devido a problemas políticos e ou estruturais, acumulam nas suas vidas o fardo de ir dormir todos os dias a pensar no que irão dar de comer aos filhos no dia seguinte. Temos igualmente em mãos a fé inabalável, como Yunus, de que podemos ajudar a criar um mundo sem pobreza “se assim o quisermos”.

E de que forma a Horticultura pode ser uma das chaves para contribuir para esse mundo que pare-

ce utópico? E se vivermos com famílias em comunidade rurais e isoladas, com solos arenosos, água salobra nas toalhas freáticas, com menos precipitação ao longo dos últimos anos (Mourão et al., 2018), sem acesso a mercados, nem transportes, com 96% da força de trabalho analfabeta e 100% insegura em termos alimentares?

A resposta é simples: não existe uma resposta única. O caminho é Estar. O caminho com as famílias e comunidades, faz-se sentando muitas horas com os/as líderes comunitários/as, visitando muitas das famílias nas suas casas e caminhando inúmeros quilómetros, lado a lado, até às machambas e às hortas que, geralmente, distam entre 1 a 3 horas a pé de suas casas. As respostas encontram-se e acolhem-se a partir do viver com. É um processo que começa pela identificação com as famílias e com as camponesas, das suas necessidades e preocu-

pações, construindo, posteriormente, respostas que, de forma adaptativa, servem os modos de vida e o ecossistema existente.

Ao longo de 28 anos, a VIDA (www.vida.org.pt) tem-se empenhado em projetos de cooperação para o desenvolvimento que visam ter um impacto real na melhoria da vida das famílias e comunidades mais pobres e vulneráveis do mundo, como é o caso da Guiné-Bissau e de Moçambique, com um Índice de Desenvolvimento Humano baixo (178º e 180º posição, respetivamente, no total de 189 países). Os projetos desenvolvidos nestes países nos últimos anos têm ajudado a construir caminhos de resiliência alimentar e nutricional que têm como base a gestão e valorização dos recursos naturais existentes, procurando soluções que partem do potencial de cada pessoa, que neles encontra a sua fonte de alimentação e rendimento.

Moçambique

Em Moçambique, nos últimos 18 anos temos desenvolvido em conjunto com as comunidades do distrito de Matutuine – o distrito mais a sul da província de Maputo –, caminhos consistentes de resiliência baseados no aumento da produção agrícola familiar, no aumento do conhecimento da importância dos alimentos na saúde das famílias e no aumento do rendimento familiar. Nesse sentido, apoiámos a formação, a consolidação e reestruturação de mais de duas dezenas de associações rurais que se encontram dispersas num distrito que tem 5000 km² e 7 habitantes/km² e promovemos a fundação da pri-

meira União de Associações Agrárias deste distrito. O impacto destas ações – que se traduziram em milhares de quilómetros percorridos entre aldeias, centenas de formações direcionadas e adequadas às especificidades das comunidades, e encontros e intercâmbios entre famílias, comunidades e atores das diferentes áreas – resultaram em melhorias muito concretas na vida da população, que nos levam a acreditar que são os pilares fundamentais para a prevenção e minimização do risco em caso de crises ou catástrofes naturais recorrentes neste país.

Relativamente às melhorias concretas na vida das pessoas e das comunidades, destacamos a validação científica do impacto positivo das formações e do acompanhamento contínuo na área agrícola às famílias mais vulneráveis, no artigo do centro NOVAFRI-CA publicado no *Journal of Agricultural Economics* (Caeiro e Vicente, 2020). Este artigo destaca que a metodologia utilizada, junto das agricultoras, levou a melhorias consideráveis no conhecimento associado à vitamina A, assim como no cultivo e na confeção de batata-doce de polpa alaranjada (BDPA) no curto e médio prazo, incluindo o aumento da produção BDPA nas suas *machambas*. O conhecimento sobre alimentos nutritivos, e respetivo cultivo e confeção, constitui-se fundamental para evitar a desnutrição crónica junto das crianças menores de 5 anos, bem como para contribuir para a saúde de toda a família, melhorando os níveis de segurança alimentar e nutricional. Além disso, comprovou-se, ainda, que as camponesas que receberam a formação/acompanhamento contínuo do projeto contribuíram para aumentar a adoção de BDPA pelos seus pares.



Encontro no Centro de Experimentação Ambiental de Djabula, Moçambique, com líderes comunitários das várias comunidades do distrito de Matutuine para debater sobre temas relacionados com a gestão de recursos naturais na comunidade – Projeto “O nosso futuro é hoje: Fortalecimento da resiliência alimentar e ambiental das comunidades vulneráveis do distrito de Matutuine”



Plantio de fruteiras, de acordo com as técnicas agroecológicas, e ação de sensibilização ambiental na escola primária completa de Djabula, Moçambique. O objetivo último do plantio do pomar é garantir a Segurança Alimentar dos alunos durante o período letivo e a disponibilização de outros alimentos para reforçar as papinhas distribuídas diariamente nas escolas.



Visita ao viveiro florestal do Centro de Experimentação Ambiental durante o encontro de líderes comunitários de Matutuine – Projeto “O nosso futuro é hoje: Fortalecimento da resiliência alimentar e ambiental das comunidades vulneráveis do distrito de Matutuine”, Moçambique.

Apesar do trabalho desenvolvido, o distrito de Matutuine continua a ser um dos distritos mais pobres da província de Maputo, onde 75% da população vive abaixo da linha da pobreza e onde a população mais vulnerável fica, pelo menos, 3 meses do ano sem acesso aos alimentos necessários para satisfazer as necessidades básicas da família. Por outro lado, face à sólida experiência na área da agricultura familiar numa região considerada semiárida, e no contexto de um distrito que apresenta uma diversidade de ecossistemas e potencial ambiental (integra uma reserva natural e um parque nacional), iniciámos em abril de 2019 um projeto com o objetivo de fortalecer a resiliência alimentar e ambiental das comunidades vulneráveis de Matutuine, no qual estamos a desenvolver o primeiro Centro de Experimentação Ambiental do distrito. Neste Centro, são desenvolvidas atividades que permitem a integração da gestão sustentável dos recursos naturais no dia-a-dia da população. É fundamental, a cada momento, desenvolver e avaliar soluções alternativas com as famílias para fazer face ao impacto das alterações climáticas nas suas vidas. Atualmente, estas famílias são afetadas ciclicamente por fenómenos climáticos extremos, caindo imediatamente para situações de emergência humanitária, face à vulnerabilidade em que se encontram. Como resposta a este contexto, a via da Agroecologia tem sido explorada e aplicada, através de canteiros de demonstração com o apoio de um viveiro, para a multiplicação de espécies nativas adaptadas ao ecossistema. Pretende-se, assim, promover: (a) a melhoria e recuperação dos solos; (b) a diversificação de culturas (hortícolas, leguminosas, tubérculos e multi-propósito) para obtenção de alimentos mais nutritivos; (c) a proteção de plantas; (c) o reflorestamento (das áreas já desflorestadas para obtenção de carvão, a única fonte considerada rentável pelas famílias rurais do distrito).

Guiné-Bissau

Na Guiné-Bissau, durante o trabalho desenvolvido no âmbito do projeto “Kópoti pa cudji nô futuro”, na área da horticultura familiar junto de seis aldeias na região de Cacheu, foi analisada e estudada com o apoio da Escola Superior Agrária de Ponte de Lima (ESA/IPVC), a “capacidade da horticultura como fator de alívio da pobreza e como dinamizadora do desenvolvimento social dentro e entre as aldeias”. O isolamento que caracteriza as comunidades destas aldeias é fator determinante para o estado de pobreza em que vivem e, por isso, também se constitui o motivo principal para a nossa intervenção junto destas famílias. A inexistência de acesso a informação agrícola, bem como a precariedade das vias de comunicação (muitas das deslocações são feitas em pequenas embarcações tradicionais), não permitem desenvolver um contacto frequente com o exterior e criar redes para compra de fatores de produção e venda de produtos agrícolas. Com base nestes pressupostos, o trabalho desenvolvido assentou numa forte estratégia social e associativa, aproveitando a dinâmica coletiva muito própria e bem definida nestas comunidades, onde as mulheres formam grupos de trabalho para as mais variadas atividades agrícolas. A horticultura, atividade desenvolvida e gerida esmagadoramente por mulheres, contribui para diminuir os momentos de dificuldade e de escassez de alimentos nas famílias e, simultaneamente, para o seu investimento na alimentação e educação.

No âmbito deste projeto, estabeleceu-se um ‘Campo Horta-Escola’ - Campo de Demonstração em Suzana, em 2017-2018, onde se avaliaram as culturas de tomate e cebola, nomeadamente, a rotação de culturas, a produção de composto, a fertilização orgânica e mineral, a gestão das pragas e doenças, os sistemas de rega e as práticas culturais. Como técnicas de melhoria na produção de tomate, a rotação e as consociações de culturas, a manutenção

de vegetação com flores na bordadura dos campos e a cobertura do solo com vegetação, foram recomendadas. Nos ensaios de rotação de culturas foram utilizadas as culturas tradicionais de feijão, quiabo e beringela, durante os dois anos em que decorreram os ensaios. Entre 2015 e 2018, foram ministrados cursos avançados para técnicos do Instituto Nacional de Pesquisa Agrícola (INPA), em Bissau, com os temas: Tecnologias de Produção Hortícola, Fertilidade do solo, Estatística e Delineamento Experimental e “Comunicar Ciência”. Realizou-se, ainda, o I Congresso de Horticultura - O futuro nas nossas mãos, organizado pela VIDA, em parceria com a ESA/IPVC, o Ministério da Agricultura, Florestas e Pecuária da República da Guiné-Bissau (Direção Geral de Agricultura e Direção Regional de Agricultura de Cacheu) e o INPA, a 17 de março de 2018, em Bissau.

Neste projeto, trabalhando com as dinâmicas sociais e de organização cultural intrínsecas à etnia predominante nestas comunidades (felupe), apoiámos e desenvolvemos um modelo comercial associativo de raiz comunitária, que permitiu a estas agricultoras maximizar os seus lucros e minimizar os custos associados à produção e ao transporte. A horticultura, a par de proporcionar um desenvolvimento económico para as produtoras nestas seis aldeias, foi também um mecanismo de desenvolvimento social capaz de desencadear dinâmicas sociais orientadas para o comércio da principal cultura hortícola produzida – o tomate (Santos et al., 2017).

Em síntese

Na ONGD VIDA, acreditamos que a nossa missão e trabalho só pode contribuir efetivamente para a melhoria da vida das famílias mais vulneráveis, com quem vivemos e trabalhamos todos os dias, se estas forem chamadas para o centro das ações. Nelas estão as respostas – na comunidade e em cada pessoa.

A cada ano que passa, avaliando as conquistas e as dificuldades de um caminho que se faz em conjunto, relembramos que é essencial continuar a aprender e a reconhecer no Outro um potencial infinito e ajudar a encontrá-lo. Juntos vamos conseguir.

O projeto “O nosso futuro é hoje – Fortalecimento da resiliência ambiental e alimentar das famílias vulneráveis do distrito de Matutuine”, desenvolvido em Moçambique, é financiado pelo Camões, IP e Fundação Ayuda en Acción; e o projeto “Kópoti pa cudji nô futuro”, desenvolvido na Guiné-Bissau, contou com o apoio da União Europeia e do Camões, IP. ■

Bibliografia

Caeiro R.M., Vicente P.C. 2020. Knowledge of vitamin A deficiency and crop adoption: Evidence from a field experiment in Mozambique. *Agricultural Economics*, 51, 175-190. <https://doi.org/10.1111/agec.12548>

Mourão I., Santos P., Maridalho P., Brito L.M. 2018. A realidade das alterações climáticas nas últimas décadas na Guiné-Bissau. Livro de Resumos do Congresso de Horticultura da Guiné-Bissau, organizado por ONG-VIDA, MAFP-RGB, INPA-RGB, e ESA/IPVC, 17 de março de 2018, Guiné-Bissau, 32-33. vida.org.pt/recursos/investigacaopublicacoes/

Santos M.P., Maridalho P., Brito L.M., Mourão I. 2017. Horticultura no Norte da Guiné-Bissau: o projeto “Kópoti pa cudji nô futuro”. *Revista AGROTEC, Publindústria Lda.*, 22, 56-62. vida.org.pt/recursos/investigacaopublicacoes/



Agricultoras em hortas comunitárias apoiadas pelo projeto “Kopoti pa cudji nô futuro”, Guiné-Bissau.



Acompanhamento a horta de agricultoras na região de Cacheu, Guiné-Bissau – Projeto “Kópoti pa cudji nô futuro”



‘Campo Horta-Escola’ - Campo de Demonstração em Suzana, Guiné-Bissau, no âmbito do projeto “Kópoti pa cudji nô futuro”, em 2017-2018.